



**FAMILY DOG: resistência pela arte surda**

**FAMILY DOG: resistance by deaf art**

**FAMILY DOG: resistencia por el arte sordo**

 Ronny Diogenes de Menezes<sup>1</sup>

 Fábio Marques de Souza<sup>2</sup>

1. Letras. Doutorando em Linguagem e Ensino. UFRN/UFCG. E-mail: [ronny.menezes@ufrn.br](mailto:ronny.menezes@ufrn.br).
2. Letras. Doutorado em Educação. UEPB/UFCG. E-mail: [fabiohispanista@gmail.com](mailto:fabiohispanista@gmail.com).

**RESUMO:** O objetivo desse artigo é apresentar as Artes Surdas como forma de resistência e denúncia da opressão sofrida por Surdos. Para isso, iremos apresentar a base do pensamento ouvintista opressor, que entende essas pessoas como portadoras de uma enfermidade que precisa ser curada. Porém, essa mesma base determinou o surgimento da Surdidade, que representa a luta de cada Surdo para assegurar a sua existência no mundo. Na sequência discutiremos como o óleo sobre tela, *Family Dog*, da artista plástica Surda, Susan Dupor, denuncia essa opressão e nos revela a realidade sensível do mundo dos Surdos. Por fim, concluímos que, através das Artes Surdas, é possível conhecer o outro, e nesse caminho humanizar a nossa relação com eles.

**Palavras-chave:** Surdos, Surdidade, Arte, Signos ideológicos.

**ABSTRACT:** The purpose of this article is to present the Deaf Arts as a form of resistance and denunciation of the oppression suffered by the Deaf. For this, we will present the basis of oppressive listener thinking, which understands these people as having an illness that needs to be cured. However, this same thinking determined the emergence of Deafhood, which represents the struggle of each Deaf person to ensure their existence in the world. Next, we will discuss how the oil on canvas, “Family Dog”, by the Deaf artist Susan Dupor, denounces this oppression and reveals the sensitive reality of the Deaf world. Finally, we conclude that, through Deaf Arts, it is possible to know the other, and, in this way, humanize our relationship with them.

**Keywords:** Deaf, Deafhood, Art, Ideological signs.

**RESUMEN:** El propósito de este artículo es presentar las artes sordas como una forma de resistencia y denuncia de la opresión que sufren los sordos. Para ello, presentaremos las bases del pensamiento oyente opresivo, que entiende a las personas sordas como personas que tienen una enfermedad que necesita ser curada. Sin embargo, esta misma base determinó el surgimiento de lo concepto *Deafhood*, que representa la lucha de cada persona Sorda por asegurar su existencia en el mundo. A continuación, comentaremos cómo el óleo sobre lienzo “Family Dog” de la artista sorda Susan Dupor denuncia esta opresión y revela la sensible realidad del mundo sordo. Finalmente, concluimos que a través de las Artes Sordas es posible conocer al otro, y de esta manera humanizar nuestra relación con ellos.

**Palabras-clave:** Sordo, Sordera, Arte, Signos Ideológicos.

Recebido em: 28/07/2021

Aprovado em: 08/11/2021



Todo o conteúdo deste periódico está licenciado com uma licença Creative Commons (CC BY-NC-ND 4.0 Internacional), exceto onde está indicado o contrário.

## Introdução

O momento do nascimento não foi suficiente para o homem ingressar na história (BAKHTIN, 2019a), isso somente aconteceu no instante que ele se tornou espectador de si mesmo, ao registrar a figura de sua mão nas paredes das cavernas (MONDAZIN, 2015). O homem primitivo produziu, diante dos seus “olhos o objeto do primeiro olhar”, sua mão (MONDZAIN, 2015, p. 16). Nesse contexto, eles deram a si mesmos a tarefa de humanizar-se, afastando suas mãos das tarefas que lhe proporcionavam sobrevivência e autocuidado, usando-as para essa nova e única atividade. Para esses humanos, as mãos eram o instrumento de comunicação, sustento e, agora, um marcador de sua existência. Nas trevas, dentro das cavernas, o homem se torna espectador de si mesmo, e, neste momento, nasce o sujeito imagético, trazendo para o mundo, enquanto mortal, a sua imortalidade (MONDZAIN, 2015).

Nesse jogo, o ser humano pode marcar a sua existência e perceber a quão efêmera ela é, pois, a marca de sua mão permanece na caverna até hoje. Contudo, o produtor daquela imagem não vivenciou isso. Essa produção, dos primeiros signos, revelava a ligação do homem com o ambiente onde residia, e os deuses que cultuava (MONDAZIN, 2015).

Essa simbologia atesta que a figura de suas mãos se tornou uma ferramenta social, para a humanização do homem primitivo, e uma metáfora de nossa existência (MONDAZIN, 2015; ABREU, 2020). Essa figura carrega uma expressividade e uma atitude valorativa do sujeito que a produziu, através da visualidade inerente a ela. Aqui, entendemos a visualidade como os discursos que adestram o nosso olhar (ABREU, 2019), que ecoam outros discursos em um jogo indissociável entre autor, espectador, obra e contexto sociológico de produção (BAKHTIN, 2019b).

Essa forma de marcar a sua presença no mundo; que podemos chamar de *Escritas*; sendo elas todas as produções que circulam em nossa sociedade, como histórias, contos, piadas, causos, poemas e canções, repassadas oralmente ou em sinais, pinturas, fotografias e esculturas. Todas carregadas de ideologia, e muitas vezes refletindo o sonho de seu criador. Candido (2011) nos atenta para o fato de que a Literatura, uma das facetas das *Escritas*, é “o sonho acordado das civilizações” (p. 177), que pode humanizar o indivíduo. Ao ter contato com esse devaneio, podemos sentir a presença de algo que não nos pertence, assim como quando temos contato com o mundo do outro.”.

Na atualidade, os povos Surdos utilizam suas mãos como forma de contato com o mundo, de conseguir a sua sobrevivência e de apresentar o sensível em suas vidas através das artes. Por séculos esses povos sofreram com segregação, humilhação, esquecimento e assassinato. Essas tragédias os compeliram a se juntar em guetos, com uma organização e sectarismo semelhante ao nacionalismo negro, frente à dominação da branquitude (HOOKS, 2019). Porém, esse movimento e união se torna necessário frente a constante tentativa dos ouvintes<sup>1</sup> em colonizá-lo, fazendo com que sua cultura seja apagada em favor de uma ideologia que prima pela perfeição das funções dos corpos, nesse caso, a audição.

Através de suas mãos, os Surdos usam as línguas de sinais como uma ferramenta que permite trilhar um caminho em prol de um objetivo em comum. Esse caminho foi marcado por conquistas e derrotas. Contudo, nele surgiu o que a comunidade chama de Surdidade. Esse conceito foi explanado por Ladd (2013) como sendo o processo de luta de todos os Surdos para ter a sua existência reconhecida como sujeitos que têm uma cultura e participam de uma comunidade. O conceito de Surdidade reflete bem a subjetividade

---

<sup>1</sup> Aquele que ouve, que não é Surdo.

Surda e os discursos que a enviesam, conseqüentemente a *mão* surge como um artefato poderoso de resistência, pois os discursos sobre as pessoas Surdas foram, por séculos, controlados por ouvintes (COELHO, 2018), que tentavam curar o que eles consideravam uma patologia da fala.

Assim, as *mãos* nas Artes Surdas representam uma resistência frente a dominação do discurso pelos ouvintes, e evocam esses mesmos discursos para uma auto recuperação política de seu lugar como sujeitos. Conseqüentemente, a *mão* reflete algo maior do que apenas um gesto, ela reflete uma luta centenária, estando impregnada de uma relação intrínseca com o mundo exterior, o referenciando (BAKHTIN, 2019b). Nesse caso a *mão* presentifica uma situação extrínseca, o que Bakhtin chama de herói, que seria o terceiro elemento da natureza social do discurso, compondo um jogo entre enunciador e interlocutores/expectadores (BAKHTIN, 2019b).

Esse artigo irá apresentar uma breve reflexão sobre como a *mão*, na Arte Surda, reflete e presentifica um contexto de dominação do ouvinte sobre o Surdo. Para isso, iremos analisar um óleo sobre tela de uma artista Surda norte americana, e, partir dele, perceber como podem ser evocados sentimentos de inquietação e incômodo.

### Uma infraestrutura ouvintista opressora

O ideal de perfeição física, e da exclusão de tudo aquilo que é diferente, tem suas ramificações nas artes, línguas e culturas de toda a humanidade. Esse ideal resultou em muitas atrocidades, realizadas por aqueles que se consideravam superiores. Nesse caminho, línguas foram destruídas, pessoas foram assassinadas e muitas culturas desapareceram. As nações invasoras, quando não aniquilavam completamente os invadidos, empreendiam um processo de aculturação, utilizando a língua da classe dominante para sobrepujar uma cultura considerada inferior.

Tudo que não estava dentro daquele padrão era considerado exótico, no melhor dos cenários, e grotesco, na maioria das vezes. Esses valores foram construídos e fortalecidos aos poucos, em um processo que levou milhares de anos. As pessoas com deficiência sempre foram alvos dessa violência, seja por seu corpo não estar em conformidade com o ideal de perfeição, ou por não conseguirem utilizar a língua daqueles que tinham a sua faculdade auditiva intacta. O ser ouvinte se coloca em uma posição superior ao Surdo. Ao conhecer essa hierarquia de valores, que levaram a exclusão deles, poderemos ter uma ampla compreensão do que é ser ouvintista.

Nietzsche (2012) chamou isso de *décandeece*, afirmando que a cultura judaico-cristã compõe um dos pilares desses valores. Um dos fatos que pode comprovar isso é na escolha seus sacerdotes que, durante a idade antiga, baseava-se na perfeição física, o que resultou na proibição de pessoas com deformidades de se aproximarem do altar, para que esse local sagrado não fosse profanado com a sua imperfeição<sup>2</sup>. Essa valorização do corpo sem defeitos, como o ideal para servir a um deus é uma oposição à vida dos que possuem corpos grotescos, e que nada podem fazer para curá-los. Esse tipo de *décandeece* continuou a ser uma realidade para os cristãos que, na idade média, proibiam, para as pessoas Surdas, o casamento, recebimento de herança e a comunhão (STROBEL, 2009).

Atitudes como essa eram comuns em diversas sociedades através dos tempos. Na Grécia não era muito diferente, as crianças eram jogadas dos rochedos ou abandonadas. Em Roma, no momento que os pais percebiam que seus filhos não podiam ouvir, eles os jogavam no rio ou os escondiam para serem

---

<sup>2</sup> Na Bíblia Sagrada (1969), em Levítico 21:17,23, é possível encontrar uma série de impedimentos para o exercício da prática sacerdotal.

escravos até à morte (STROBEL, 2009). Essa obsessão por uma perfeição física, e pela destruição do grotesco, adentrou a idade contemporânea, e hoje tudo isso se reflete em um tratamento desumanizado para com todos que não se encaixam nos padrões de corpo, língua, crença e religião perfeitos, entendidos aqui como o corpo branco, sem deficiência e cristão.

O ideal de perfeição dos corpos deixou margens para o desenvolvimento de teorias pseudocientíficas que, ao seu modo, tentavam provar a superioridade do europeu. Alexander Graham Bell foi um dos cientistas que adotaram essa visão equivocada de mundo. Ele pregava um alto nível de controle sobre a vida dos Surdos, que permeava desde a proibição do casamento até o tipo de educação que eles deveriam receber. Entretanto, seu verdadeiro objetivo era *purificar* a raça humana dos *defeitos*, e preservar aquelas características que lhe eram mais desejáveis, chegando até mesmo a ser vice-presidente do Primeiro Congresso Internacional de Eugenia em 1912 (SILVA; SOUZA, 2016). Essa purificação, para ele, implicava em tentar impedir os Surdos de procriar, evitando sua perpetuação.

Um personagem histórico, bem conhecido por ideologias eugenistas e genocidas, era Hitler. As pessoas Surdas também foram alvo de suas mobilizações, pois seus corpos grotescos não se encaixavam no padrão de pureza e perfeição pregado pela filosofia nazista (SPELLING; SILVA, 2018). Durante o 3º Reich, qualquer pessoa Surda poderia ser eliminada ou esterilizada, e todo esse processo foi ratificado pelos chamados tribunais hereditários, que tinham o papel de controle e seleção (SPELLING; SILVA, 2018).

Embora situações extremas, como as do nazismo, não aconteçam na atualidade, ainda há casos que revelam o tratamento desumanizado que os Surdos recebem. Vejamos dois deles, o primeiro nos Estados Unidos e o segundo em Uganda. Marlee Matlin é uma atriz Surda estadunidense que ficou famosa por ser a primeira mulher Surda a ganhar o Oscar de melhor atriz pelo filme “Os filhos do silêncio”, de 1986. Durante as gravações do filme ela se envolveu amorosamente, e se casou, com o ator William Hurt que também fazia parte do elenco. Assim, os dois tiveram um relacionamento de cerca de dois anos. No filme Marlee interpreta “Sarah”, uma Surda que sofreu abusos sexuais de ouvintes e que tenta seguir sua vida, e nesse caminho se encontra com James Leeds, interpretado por Hurt, que tenta de todos os modos oralizá-la. Esse processo, para Sarah, também é sentido como um tipo de assédio, pois Leeds tenta de todas as formas convencê-la, chegando até a viajar ao encontro da mãe de Sarah, em busca de informações que o ajudassem em seu objetivo.

Infelizmente, para Marlee Matlin, os abusos não ficaram somente na ficção. Em sua autobiografia, “I’ll Scream Later” (MATLIN, 2010), ela relata que foi abusada por uma babá quanto tinha 11 anos. Além disso, o seu próprio marido também a molestou fisicamente e sexualmente. Esses abusos ocorreram depois das gravações do filme e se estenderam até o fim do casamento. Marlee conta que na noite que ela recebeu o Oscar, pouco antes da cerimônia, ele disse para ela que ela não merecia o prêmio, e que, se ganhasse, seria somente por pena por ela ser Surda (MATLIN, 2010).

Esses acontecimentos vieram a público somente em 2009, quando ela lançou sua autobiografia. Porém, um fato interessante aconteceu, o evento só teve repercussão em 2017, oito anos depois, quando centenas de mulheres que sofreram abusos dentro da indústria do cinema em Hollywood iniciaram o movimento “Me Too”, denunciando-os. Uma infelicidade maior assola esse caso, a de que, quando uma mulher Surda teve a coragem de em um livro relatar o seu sofrimento, ela foi ignorada.

O segundo caso é relatado pelo programa “Unreported World” (2014). Esse documentário conta um pouco da história de alguns Surdos que vivem em regiões rurais de Uganda. Um deles é Patrick Otema, que não tem nenhum acesso a língua de sinais e, como enfatizado pela repórter, estava preso em sua própria mente. Suas mãos eram usadas somente em atividades mecânicas de subsistência. Porém, tudo isso mudou

após ele ter contato com Surdos e com a Língua de Sinais Ugandense (LSU). Essa é a realidade de milhares de jovens Surdos em Uganda.

Em outra região do interior de Uganda, vivem Jackeline Okamungo e David Baluko de 16 e 15 anos de idade, ambos Surdos e, embora tenham acesso a LSU, enfrentam outros problemas. Jackeline relata ao programa “Unreported World” (2014) que, antes de conhecer a língua de sinais, ela era muito triste, mas hoje está feliz, pois consegue se comunicar com sua comunidade. Ela informa que em sua região muitas famílias têm a crença de que ser Surdo significa ser estúpido, mas ela tem orgulho de quem ela é, e de usar a LSU. O sentimento de Jackeline é a frase que estampa a entrada da escola, “Tenho orgulho de usar a língua de sinais”<sup>3</sup> (UNREPORTED WORLD, 2014).

David Baluko afirma para a reportagem que não gosta de ficar em sua casa, pois lá ele enfrenta muitos problemas, é ridicularizado, e se sente muito só. A repórter enfatiza que muitas famílias priorizam a educação dos filhos ouvintes enquanto os Surdos são deixados de lado, pois não encontram sentido em investir seus recursos neles. A violência física da família contra eles é comum, levando-os a abandonar a escola. Outros, deixam de estudar por causa da falta de recursos para custear as despesas escolares (UNREPORTED WORLD, 2014).

O nosso país também não está livre de discursos que se travestem de benevolência, mas perpetuam a ideologia ouvintista, que encara o Surdo como inferior e como um peso, que a sociedade tem que carregar em suas costas. Em uma entrevista para o programa Mais Você, em 2009, o Dr. Ricardo Bento apresentava as suas razões para justificar a necessidade do implante coclear (IC). Dentro desse assunto, o Dr. Bento afirmou que o ideal é que tratamento seja feito precocemente e, caso isso não aconteça, o Surdo se tornará uma pessoa que sempre precisará do auxílio de outros, não teria profissão, não poderia estudar, se tornando “um pária da sociedade”.

A fala do Dr. Bento está enviesada por todos os discursos que elevam o ser ouvinte, tendo o seu corpo em estado pleno de funcionamento, em detrimento do ser Surdo. Infelizmente, essa opinião não é incomum. Outras pessoas em posição de poder compartilham de uma ideologia similar. No Brasil, recentemente, houve um certo aumento da visibilidade da comunidade Surda após o ano 2018, entretanto, alguns acontecimentos revelam que a base na qual o preconceito está ancorado tem seus alicerces bem firmados. Porém, alguns representantes do povo têm tomado atitudes que vão na contramão dessa visibilidade e se aproximam bastante do ouvintismo. É o caso da proposta de lei para regulamentar novamente a profissão de intérprete.

O projeto de lei 9382/17 pretende trazer uma nova regulamentação para a profissão de tradutor e intérprete de Libras. Para isso, o exercício dessa função deverá ser efetuado por pessoas que tenham curso de nível superior. Essa medida pode garantir a qualidade do serviço, que é fundamental para todos os âmbitos da inclusão de pessoas Surdas. Isso também evitará que pessoas que não tem a competência técnica atuem nessa área, evitando casos como os que ocorreram no funeral de Nelson Mandela e com vários candidatos nas últimas eleições.

Durante a votação na Comissão de Constituição e Justiça e de Cidadania da câmara federal, o Deputado Federal Alexis Fonteyne, do partido Novo, afirma que não é preciso exigir formação em nível superior de bacharel em Libras, ou com qualquer outro curso, e que essa profissão não deve ser privativa a quem tem nível superior, bastando um curso livre, ou o aprendizado com livros didáticos. Outro parlamentar que tem uma opinião similar é Lucas Gonzalez, também filiado ao Novo. Ele afirma que a profissão deve

---

<sup>3</sup> Traduzido por mim, do original em inglês “I am proud to be a sign language user”.

ser desempenhada por voluntários; prática comum em movimentos sociais que contam com intérpretes, pois eles faziam somente cursos de capacitação; e exigir uma graduação seria, portanto, inapropriado, já que o Brasil precisaria promover o voluntariado nessa e em outras áreas. Desse modo, seria o “cúmulo do absurdo” (sic) exigir formação em nível superior para atuar como intérprete de Libras.

O ministro da educação, Milton Ribeiro, tem uma vasta experiência em educação, sendo doutor na área. Além disso já atuou como reitor da universidade Mackenzie, e é membro ativo da igreja Presbiteriana. Contudo, tudo isso não foi suficiente para lhe permitir ter uma visão decadente, conforme Nietzsche (2012), e contrária à vida daqueles que são considerados grotescos. Em uma entrevista ao Canal TV Brasil (TV BRASIL, 2021), para justificar a criação de escolas especiais, ele afirmou que as pessoas com deficiência “atrapalham” o aprendizado dos demais.

É interessante notar que a justificativa do ministro não se concentra na necessidade da pessoa com deficiência, nem na proposição de ações para que a escola consiga atendê-los corretamente. E sim em como os outros alunos são afetados pela presença de crianças com alguma deficiência. Esses relatos, de atitudes contrárias à vida e aos direitos de uma minoria, são travestidos de uma certa preocupação com o bem-estar de um grupo, entretanto perpetuam a opressão da classe dominante.

Surdos tiveram suas histórias, língua, cultura e direitos ocultados e suprimidos. Isso leva muitos deles ao desenvolvimento de doenças psicológicas em um percentual bem superior aos dos ouvintes (LADD, 2013). Isso poderia ser diferente se suas conquistas e humanidade fossem reconhecidas. O poder da classe opressora, e a fragilidade da minoria, tece uma trama de injustiças evitáveis, porém, como afirma Freire (2016), os opressores se nutrem dessas injustiças, o que lhes dá a oportunidade de praticar uma falsa generosidade.

Um exemplo disso, é o caso da disciplina Libras no Instituto Federal de Educação do Rio Grande do Norte (IFRN). Por meio de dados obtidos através da lei de acesso à informação foi constatada uma realidade que dá, à Libras, tratamento inferior quando comparada às demais disciplinas.

O IFRN conta com dois professores de Libras, para atender as demandas de ensino, pesquisa e extensão de 16 campi, espalhados em um território que totaliza quase quatrocentos quilômetros de distância. Segundo os gestores dessa instituição, os dois docentes utilizam uma modalidade chamada *presencial conectado*, ou seja, um modelo que mescla aulas transmitidas ao vivo com atividades em um ambiente virtual de aprendizagem (ACESSO A INFORMAÇÃO, 2020a). Somente o campus Natal conta com o ensino presencial. A instituição informou que somente as disciplinas Libras e Educação Especial são ministradas nessa modalidade, todas as outras tem professores próprios em cada campus (ACESSO A INFORMAÇÃO, 2020b).

Ao refletir sobre essas informações não podemos nos furtar de associar esse caso ao conceito de falsa generosidade (FREIRE, 2016) e de inclusão burocrática<sup>4</sup> (SKLIAR, 2017). Isso se dá, pois, sob o pretexto de interiorizar o acesso ao ensino da Libras, o IFRN está sacrificando as atividades de extensão e pesquisa, que são indissociáveis do ensino (BRASIL, 2019). A modalidade presencial conectado, que nesse caso é um eufemismo para educação à distância, torna inviável as atividades integradas de ensino, pesquisa e extensão, se considerarmos a distância entre os campi e a carga horária de trabalho semanal de 40 horas.

Após conhecer um pouco desses fatos, constatamos que há uma minoria que não se encaixa em uma comunidade, por utilizar uma língua diferente e, por isso, suas vozes são silenciadas. Não resta dúvida que podemos concordar com Ladd (2013, p. 8), quando esse afirma que “o poder político, o domínio médico e

---

<sup>4</sup> Segundo Skliar (2017) Inclusão burocrática é prática de promover a inclusão somente para obedecer a lei sem haver uma preocupação com a qualidade dos serviços ofertados.

educacional e as estratégias dos meios de comunicação interagem e se reforçam mutuamente para criar uma forma totalmente abrangente de controle eficazmente pensado”, sendo o alvo disso tudo o controle da narrativa e da vida dos Surdos, desumanizando-os.

Não temos dúvidas de que todos os Surdos citados nesse capítulo são humanos, pois tinham consciência de si. Porém, não podemos afirmar que eles receberam um tratamento humanizado. O poder da colonialidade ouvintista trabalha para que as subjetividades dos Surdos sejam comprometidas através uma base desumana, que tenta impedi-los de desenvolvê-las de maneira plena.

Nesse trabalho, entendemos colonialidade como um processo de dominação cultural e de produção de conhecimento, que se sustenta em um ponto de vista no qual um grupo civilizatório é superior a outro (QUIJANO, 1997; LANDER, 2000). Essa dominação resulta em agrupar “todos os esforços para levar o colonizado a confessar abertamente a inferioridade da sua cultura” (FANON, 1968, p 198). É exatamente com essa violência cultural que o ouvintismo leva alguns Surdos a negar a sua identidade, tendo a certeza de que do ouvinte parte tudo o que é superior (PERLIN, 2011). Nesse caminho, tudo que vem da comunidade Surda – língua, cultura e Escritas – é desconsiderado, tornando-se apenas algo exótico, fruto de uma superação pessoal.

Percebemos que uma infraestrutura cruel pode ter contribuído para que os Surdos sejam encarados como coisas imperfeitas e grotescos. Assim, se faz necessário inverter a pergunta. Ao invés de indagar se os Surdos são humanos, temos que nos perguntar se aquele que trata o outro de maneira desumanizada o é. O uso da língua pode nos diferenciar dos animais, mas o que nos faz humanos é a nossa relação com os domínios onde vivemos e com os semelhantes com os quais convivemos. Mesmo depois de acessar uma língua, os Surdos não foram, e ainda não são, tratados de forma humanizada. Será que poderíamos dizer que, embora usando uma língua, todos aqueles que praticaram Bullying com Joseph, Massieu, e os jovens Surdos em Uganda, eram humanizados? Todos os que ignoraram as denúncias de Marlee Matlin são humanizados?

Nesse caminho percebemos uma luta de classes, em uma arena discursiva, na qual serão atribuídos valores que são enviesados por diversos discursos, que podem conferir um sentido apreciativo ou pejorativo a um signo (BAKHTIN, 2019a). Ao considerar o ouvintismo, serão atribuídos valores inferiores aos artefatos da comunidade Surda. Esse processo leva a um apagamento ou ocultação de tudo que pertence a seu horizonte social, os relegando a um subespaço.

Toda essa infraestrutura, desenvolvida desde a antiguidade até hoje, possibilitou e fortaleceu o nascimento de um tipo específico de signo ideológico da comunidade Surda. Ele está repleto de uma série de acontecimentos valorativos, hierarquizados socialmente (Bakhtin, 2019a). Todos os percalços que as comunidades Surdas enfrentaram ao longo dos séculos resultaram no surgimento das Escritas/Artes Surdas. Na próxima seção, conheceremos mais sobre elas, e de como denunciam a opressão exercida sobre a comunidade Surda.

### **A Arte Surda, existência e resistência**

O óleo sobre tela “Family Dog” de Susan Dupor (IMAGEM 01) pode nos fazer sentir a presença do poder que as mãos têm em refletir uma atmosfera comum à comunidade Surda, que está lutando por seu direito de existir. Dupor apresenta uma etapa da luta pelo controle dos corpos Surdos. Nesse sentido, resta ao Surdo o papel de coisa a ser cuidada, ou de pária, como afirmam muitos ouvintistas.

Figura 1 – *Family Dog*, Acrylic on canvas, 56” x 57”, 1991.



Fonte – <http://duporart.com/wp-content/uploads/2020/10/familydog.jpg>

A partir dessa luta, percebemos que a pintura de Dupor, nos revela mais do que apenas um ambiente doméstico e pessoas desfiguradas, nos deparamos aqui com o direito a olhar e a ser olhado, e enxergado como uma pessoa, não como uma coisa (MIRZOEFF, 2016; FREIRE, 2016). Há, nessa imagem, uma atmosfera pensativa, que pode nos conduzir a uma reflexão e, neste caminho, ela tem o poder de “tocar o que está ausente, tornando presente aquilo que está distante” (ALLOA, 2015, p. 10). Além disso ela apresenta um horizonte social, fruto de uma infraestrutura opressora que remonta há milhares de anos (BAKHTIN, 2019<sup>a</sup>). Os corpos e objetos representados nessa Escrita Surda são imagens de algo; sozinhos eles não são nada, não têm significado. Eles fazem parte de uma superestrutura estabelecida sobre valores que foram adotados por muitas sociedades. Infelizmente, esses valores são decadentes, pois corrompem o homem e se opõem à manutenção da vida.

Susan Dupor, na Figura 1, apresenta uma família que se encaixa nesses valores decadentes. Sentada na sala de sua casa e, aos pés de todos, se encontra uma pessoa deitada embaixo de uma mesa de centro, posição comumente ocupada pelo animal de estimação da família. Com uma aparência grotesca, os membros da família conversam entre si, já outros observam o *animal*, como se tentassem dizer-lhe algo, porém ela somente emite um olhar ingênuo e distante e, com sua aparência negroide, apenas permanece com a língua pendurada para fora da boca.

Sacks (2010) pode nos auxiliar a compreender as nuances dessa imagem e, assim, evocar de nossas memórias sensações que podem nos levar a lugares desconhecidos, ou, até mesmo, aticar desejos ocultos em nossa mente (GUMBRECHT, 2010). Sacks (2010) relata o caso do Surdo chamado David Wright, que usa o termo “vozes fantasmagóricas” (p. 11) para descrever a sensação que tinha no momento que algumas pessoas falavam com ele, pois essas vozes estavam apenas em sua mente, já que nesse momento de sua vida Wright não tinha mais nenhum resquício de audição. A partir disso, podemos entender a representação igualmente fantasmagórica na tela de Susan Dupor (Figura 2), pois tudo que sai da boca dos ouvintes é uma distorção, uma assombração incompreensível.

Figura 2 – Detalhe dos rostos de *Family Dog*, Acrylic on canvas, 56” x 57”, 1991.



Fonte – Recorte feito pelo autor, da tela “*Family Dog*”.



Outro fator que cria uma atmosfera nebulosa é que todos os que tem essa face fantasmagórica estão com suas mãos escondidas (Figura 3). Esse é o aspecto emblemático da obra. Para as pessoas Surdas, as mãos são o canal de comunicação e interação com o mundo, isso faz com que esses ouvintes estejam completamente inacessíveis. As mãos, nas *Escritas Surdas*<sup>5</sup>, simbolizam a resistência frente a dominação do discurso pelo ouvinte, e os evocam para uma auto recuperação política de seu lugar como sujeitos. Consequentemente, a mão reflete algo maior do que apenas um gesto, ela reflete uma luta centenária, estando impregnada de uma relação intrínseca com o mundo exterior ao referenciando.

Figura 3 – Detalhe das mãos em *Family Dog Acrylic on canvas, 56” x 57”*, 1991.



Fonte – Recorte feito pelo autor, da tela “*Family Dog*”.

No caso da obra *Family dog*, a mão presentifica uma situação do mundo exterior (BAKHTIN, 2019b), o dia a dia dos Surdos, que não encontram acesso ao diálogo com o outro, seja pelas vozes fantasmagóricas, ou pelas mãos obtusas dos ouvintes para a língua de sinais. O último aspecto da pintura de Susan Duper que iremos discutir é o tratamento desumano dado aos Surdos. O objeto de todos os discursos presentes nessa obra (Figura 4), chamado de heroi por Bakhtin (2019b), está deitada no chão frio. Com seu olhar ingênuo e distante, ela ocupa um espaço subalterno na família, um bobo na corte dos ouvintes. Diferente dos ouvintes, suas mãos estão visíveis, como se esperassem por algo, talvez a possibilidade de uso, para participar dos domínios da vida familiar, e assim deixar de ser vista como um animal.

Figura 4 – Detalhe das mãos em *Family Dog Acrylic on canvas, 56” x 57”*, 1991.



Fonte – Recortado feito pelo autor, da tela “*Family Dog*”.

<sup>5</sup> O termo *Escritas Surdas* é uma forma abrangente de abordar todas as produções artísticas das pessoas com surdez, e não se limita a literatura, mas adentra em todas as formas de imagens, fotografia, escultura, dança, pintura e gravura não se limitando apenas a esses suportes (MENEZES & SOUZA, 2019).

Ao logo dos anos, vários Surdos foram coisificados e tratados como animais. O caso de Jean Massieu, que viveu durante o século XVIII, é um desses, e, aos 14 anos, ele ainda não tinha aprendido uma língua de sinais. Ele relata que as crianças de sua “idade não queriam brincar” com ele, “desprezavam-me, eu era como um cão” (SACKS, 2010, p. 28). Massieu era visto como uma coisa, um animal, um ser grotesco. Levando em consideração o que foi discutido até agora, tendo como pano de fundo a obra em questão, podemos chegar à conclusão de que os ouvintes privaram os Surdos da oportunidade de “ser” humanos, seja pelo abandono, descaso, ignorância ou incapacidade de compreender suas necessidades.

Um fato que vivenciamos, e que infelizmente é uma constatação do tratamento desumanizado que os Surdos recebem daqueles que deveriam ser o seu porto seguro, é o caso de Ribamar<sup>6</sup>. Ao ir pela primeira vez em sua casa, um de seus amigos ouvintes, bateu à porta e ao ser recebido por sua mãe ele disse que gostaria de falar com Ribamar. Nesse momento a mulher inclinou a cabeça para o lado, e indagou “Ribamar?”. Nesse momento o rapaz respondeu “Sim, Ribamar. Seu filho!”. Após alguns segundos refletindo a senhora se deu conta de quem era Ribamar, e falou “Ah sim, o *mudo*, vou chamar ele”.

O que fez com que essas pessoas fossem tratadas dessa maneira desumana, foi o uso de uma língua, e o sentimento de superioridade, mesmo que subjacente, por ser ouvinte. Está no ar uma luta de classes, o ouvinte versus o Surdo, a língua do colonizador e do colonizado, o dito corpo perfeito contra o grotesco. Uma luta desigual em uma arena, pois primeiramente os ouvintes possuem o monopólio da língua, educação e cultural. Por conta dessa hegemonia ouvintista, os Surdos procuram se organizar e nessa luta de classes os signos ideológicos são fortalecidos (BAKHTIN, 2019<sup>a</sup>), desse modo nascem belas obras como a Susan Dupor, que podem ser usadas para que através do diálogo e reflexão sobre as realidades Surdas, possamos nos humanizar.

## Considerações finais

Tudo o que cerca os sujeitos dessa imagem forma uma atmosfera conhecida para a comunidade Surda, sendo um espaço de não-aceitação e exclusão no qual, na maioria das vezes, diferentemente das escolas de Surdos (SACKS, 2010), essas pessoas não podem expressar suas emoções, compreender e ser compreendidos. Nessa atmosfera de presença corpórea, mas de total segregação comunicacional, podemos perceber a subversão evocada pela imagem, pois o mundo está submerso em diversas facetas de preconceito, e ela denuncia um crime contra o direito ao pertencimento.

Essa presença, que é evocada pelas imagens nas Artes Surdas, quer exatamente isso – a Surdidade, nos fazer sentir toda a dor, luta e união que a comunidade enfrenta. O contato com essas *Escritas Surdas* pode nos fazer sentir coisas que estão a milhares de quilômetros de distância, ou, até mesmo, em nossa vizinhança, mas que apresentam realidades que nos fazem refletir sobre nossas vidas. A realidade sensível do mundo Surdo está marcada nas *Escritas Surdas*, e para que possamos sentir essa realidade presente em nossos corpos, primeiramente é necessário compreender um processo violento e velado que foi, e ainda é, praticado contra a comunidade Surda – a colonialidade ouvintista<sup>7</sup>. Essa ideologia, muitas vezes inconsciente, entende que tudo o que é proveniente da cultura Surda não é bom, ou é apenas entendido como uma excepcional superação pessoal.

<sup>6</sup> O nome foi mudado para preservar a identidade da pessoa.

<sup>7</sup> Segundo Skliar (2011, p. 15) o ouvintismo “trata-se de um conjunto de representações dos ouvintes, a partir do qual o Surdo está obrigado a olhar-se e a narrar-se como se fosse ouvinte”.

As *Escritas Surdas*, na maioria das vezes, abordam assuntos como esse ao apresentar a difícil relação entre Surdos e ouvintes. A pressão e opressão que a comunidade Surda sofre por viver em um mundo de falantes vem da família, pais, vizinhos e de todo o resto da sociedade que tenta colonizá-la, para que se adaptem ao *ser ouvinte*. Essas imagens que serão estudadas em minha tese querem denunciar essas questões, pois elas precisam ser conhecidas, já que temos o direito de conhecê-las e, sobretudo, os Surdos têm o direito de se fazer conhecer as suas vivências.

No momento que o homem primitivo produziu, diante de seus próprios olhos, a imagem de sua mão na caverna, e deu a si mesmo a tarefa de humanizar-se, foi aberta uma porta pela qual podemos enxergar a realidade para a qual somos apáticos. A ignorância e indiferença a respeito da surdez pode ser o comportamento precursor de atrocidades, como as que os Surdos diariamente enfrentam na escola, com sua família e na longa jornada para ingressar no mercado de trabalho. Esse ouvintismo é excludente, pois, preconceituosamente, os ouvintes não acreditam que Surdos são capazes de ter o mesmo desempenho que eles.

Hoje, os Surdos usam suas mãos para produzir imagens e, por meio delas, é possível adentrar na realidade sensível de seu mundo. E, em sua produção artística, essas imagens são utilizadas para compor uma atmosfera que guia o espectador à percepção do mundo Surdo, pois dialogam com diversas vivências dessas comunidades e denunciam o longo processo de opressão enfrentado por elas. Esses recursos, podem nos atrair a novas significações, novos caminhos para o sensível, que antes ignorávamos.

O direito a ser visto (MIRZOEFF, 2016), a existir e a trabalhar pode ser observado na produção de Susan Dupor. A produção de imagens através da língua, arte e cultura marcam o local do Surdo no mundo, afirmando a sua atitude de não permitir que sejam silenciados. Nesse jogo, encontramos uma atividade política nas artes que irrompe a distribuição do sensível através da reflexão e refração das experiências das Comunidade Surdas. Para Rancière (2010), a arte, e conseqüentemente as Artes Surdas, é política, pois por meio de recortes temporais e espaciais, ela apresenta uma forma de experiência específica em conformidade ou desconformidade com outras experiências. Isso acontece pois, segundo Bakhtin (2019b) que entende a arte como um signo, ela está impregnada de características subjetivas, englobando uma situação externa que não está materializada no signo, mas que está referenciada.

Assim, as artes Surdas refletem a interação social do artista, junto com os discursos, com o espectador, e com as experiências reais referenciadas, produzindo um dialogismo que é vivo, e que pode humanizar. Nesse processo dialógico e subversivo, pelo direito ao olhar e ser olhado, os Surdos trilham o caminho para a sua auto recuperação política através de sua arte. Assim, eles podem deixar de ser vistos quase que como *coisas*, e ter sua identidade reconhecida e respeitada.

## Referências

ACESSO A INFORMAÇÃO. **Informações sobre ensino de Libras à distância em cursos presenciais.** Governo Federal, 2020a. Disponível em: [http://www.consultaesic.cgu.gov.br/busca/\\_layouts/15/DetailPedido/DetailPedido.aspx?nup=23480008025202053](http://www.consultaesic.cgu.gov.br/busca/_layouts/15/DetailPedido/DetailPedido.aspx?nup=23480008025202053) Acesso em 20 de ago. 2021.

ACESSO A INFORMAÇÃO. **Solicito mais informações sobre o ensino da Libras em Cursos de licenciatura.** Governo Federal, 2020b. Disponível em: [http://www.consultaesic.cgu.gov.br/busca/\\_layouts/15/DetailPedido/DetailPedido.aspx?nup=23480009654202009](http://www.consultaesic.cgu.gov.br/busca/_layouts/15/DetailPedido/DetailPedido.aspx?nup=23480009654202009) Acesso em 20 de ago. 2021.

- ALLOA, E. Entre a transparência e a opacidade – o que a imagem dá a pensar. In \_\_\_\_ (org.). **Pensar a Imagem**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015, pp. 7-19.
- BAKHTIN, M. (Volochínov). **Marxismo e filosofia da linguagem**. 1. ed. Trad. Grillo, S; Américo, E. V. São Paulo: Editora 34, 2019a.
- BAKHTIN, M. (Volochínov). **A palavra na vida e a palavra na poesia**. 1. ed. Trad. Grillo, S; Américo, E. V. São Paulo: Editora 34, 2019b.
- CANDIDO, A. **Vários Escritos**. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2011.
- COELHO, L. A. B. **Conhecendo a surdidade**. INES. Revista Espaço, Rio de Janeiro. n° 50, jul-dez, 2018.
- GUMBRECHT, H. U. **Produção de Presença – o que o sentido não consegue transmitir**. Ed. PUC- Rio, Rio de Janeiro, 2010.
- HOOKS, B. Comendo o outro: desejo e resistência. In: \_\_\_\_\_. **Olhares negros: raça e representação**. São Paulo: Elefante Editora, 2019, cap. 2, pp. 51-74.
- LADD, P. **Understanding Deaf Culture: In Search of Deafhood**. Clevedon: Multilingual Matters, 2003
- MATLIN, M. **I'll Scream Later**. Simon Spotlight Entertainment, New York, 2010.
- MENEZES, R. D; SOUZA, F. M. **Escritas Surdas na Escola: Novos horizontes literários**. Mentis Abertas, São Paulo, 2019.
- MIRZOEFF, N. **O direito a olhar**. Educação Temática Digital, Campinas, SP, v. 18, n. 4, p. 745-768, nov. 2016. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/8646472>
- MONDZAIN, Marie-José. **Homo spectator**. Lisboa: Orfeu Negro, 2015, pp. 29-41.
- NIETZSCHE, F. W. **O Anticristo**. Tradução de Carlos Duarte e Anna Duarte. São Paulo: Martin Claret, 2012.
- PIMENTA, N. **A tradução de fábulas seguindo aspectos imagéticos da linguagem cinematográfica e da língua de sinais**. 2012. 165 f. Dissertação (Mestrado em estudos da Tradução). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.
- RANCIÈRE, J. **Política da arte**. In: Urdimento - Revista de Estudos em Artes Cênicas, [S. l.], v. 2, n. 15, pp. 45-59, 2010. Disponível em: [shorturl.at/lpGI8](http://shorturl.at/lpGI8) Acesso em 26 de julho de 2021.
- SACKS, O. W. **Vendo vozes**. Uma viagem ao mundo dos surdos. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- SPELLING, G. W; SILVA, D. **Práticas e discursos aplicados pelo regime nazista sobre surdos na Segunda Guerra Mundial**. RE\_UNIR: v. 5, n. 2, pp. 157-168, 2018.
- STROBEL, K. **História da educação de Surdos**. UFSC. Licenciatura em Letras-Libras na Modalidade a distância Florianópolis 2009. Disponível em: < [https://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecifico/historiaDaEducacaoDeSurdos/asets/258/TextoBase\\_HistoriaEducacaoSurdos.pdf](https://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecifico/historiaDaEducacaoDeSurdos/asets/258/TextoBase_HistoriaEducacaoSurdos.pdf)>. Acesso em: 27 nov. 2020.
- TV BRASIL. **Ministro da Educação, Milton Ribeiro, é o convidado do Sem Censura**. Youtube, 2021. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=6JyH4faRwpY> Acesso em 20 de ago. 2021
- UNREPORTED WORLD. **Speaking for the first time: deaf children in Uganda**. Youtube, 2014. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=zNc8V7uqP3g> > Acesso em 27 ago. 2021